A ARTE COMO FERRAMENTA DA INCLUSÃO: releituras de obras de Romero Britto na sala de AEE da Escola Municipal Mário Reis - Parnaíba-PI

Cristiana Brandão de Castro1
SEDUC/Parnaíba- PI (Brasil)
crisbrandaoo@hotmail.com
Enne Carvalho Damasceno 2
SEDUC/Parnaíba- PI (Brasil)
ennepsico@gmail.com
Maria dos Navegantes Veras da Cunha 3
UNIVASF (Brasil)
maria.cunha.univasf.t5@gmail.com
Nayara Maria Carvalho Cronemberger Coutinho 4
SEDUC/Parnaíba- PI (Brasil)
nayaramar2020@gmail.com

Resumo: A Educação Inclusiva deve garantir aos alunos atendidos na sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE), durante as intervenções pedagógicas, o contato com diferentes técnicas artísticas como pintura, colagem, desenho, modelagem e construções com materiais diversos, oferecendo suporte para que o aluno possa produzir seu fazer artístico. No entanto, observa-se que muitos professores ainda não trabalham Arte enquanto linguagem, apenas aplicam técnicas isoladas, sem aprofundamento estético e crítico. Partindo dessa realidade na Escola Municipal Mário Reis, no município de Parnaíba-PI, surgiu a questão norteadora desta pesquisa: Como as obras de arte de Romero Britto podem trabalhar as emoções dos alunos matriculados no AEE e possibilitar que criem suas próprias expressões artísticas por meio de releituras? O problema se justifica pela necessidade de tornar o currículo da Educação Inclusiva mais sensível, ao possibilitar o contato com diversos materiais didáticos como: tintas, colas, papéis de diferentes cores e texturas, permitindo que a criança expresse sentimentos, medos e frustrações, reconhecendo seu valor, sua voz e seu lugar. O objetivo geral delineado para este estudo foi demonstrar a importância da releitura de obras de arte na linguagem da criança, evidenciando o papel do educador como mediador neste processo e utilizar a arte como meio de expressão, comunicação, fortalecimento da autonomia e valorização das potencialidades das crianças atendidas pelo AEE. Como objetivos específicos, buscou-se: possibilitar o contato com obras de arte em profundidade, desenvolvendo a criatividade na recriação; trabalhar elementos da linguagem visual como cor, forma, linha e textura; e fortalecer a autoestima através da valorização e exposição das produções. O referencial teórico ancora-se em Ana Mae Barbosa (1998), que afirma que saber ler obras de arte é questionar, buscar, descobrir e despertar a capacidade crítica do aluno, cabendo ao professor ser o mediador desse processo estético. Aurora Ferreira (2008) ressalta que a atividade artística na escola não deve ser para "acalmar" as crianças ou ser apenas complementar, mas um recurso pedagógico com objetivos claros, essencial na Educação Inclusiva. Paulo Freire (2005) contribui com a ideia de que a leitura de mundo precede a

leitura da palavra, iniciada na infância através da leitura de imagens e do convívio social, fundamental para a formação de um sujeito crítico. A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) legitima a proposta ao apresentar habilidades como EF15AR01 e EF15AR02, que tratam da identificação, apreciação e reconhecimento dos elementos constitutivos das artes visuais. Para a discussão da arte como sensibilidade e crescimento estético, utiliza-se Robert Ott (2011), que aponta que o contato com a arte torna o sujeito sensível ao universo artístico, antes inacessível por limitações em sua formação. A metodologia adotada foi o relato de experiência, de abordagem qualitativa, vinculado a uma pesquisa-ação. O projeto "A Arte como ferramenta da inclusão: releituras de obras de Romero Britto" foi desenvolvido na Sala de Recursos Multifuncionais da Escola Municipal Mário Reis, com 15 alunos na faixa etária de 3 a 11 anos, com diagnósticos de TEA, TDAH, baixa visão e transtorno de aprendizagem. Foram escolhidas duas obras de Romero Britto - "Primavera" e "Árvore da Família Atlântica" - pela identificação das crianças com suas formas, cores vibrantes, pinturas de animais e paisagens, e pelos padrões geométricos de fácil percepção. A proposta foi estruturada em três momentos: primeiro, reflexão sobre o conceito de releitura e contextualização da vida e obra do artista; segundo, desenvolvimento das releituras; e terceiro, culminância com exposição. Na primeira obra, "Primavera", realizou-se uma releitura coletiva com colagem e pintura: cada criança confeccionou um elemento - flores (Rebeca, Infantil III, TEA), casa (João Miguel, 1º ano, TEA), árvores (Thessa, 3º ano, TEA e TDAH), paisagem (Ana Helloyse, 4º ano, TDAH) e montagem final (Thómas, 2º ano, TDAH). Na segunda obra, houve integração com as famílias, que enviaram fotos transformadas em desenhos para colorir por IA, onde as crianças pintaram suas famílias com a estética colorida e geométrica de Britto, atividade realizada por Anthony, Alinne (4º ano, TEA), Kairo (Infantil IV) e Giovanna (3º ano, baixa visão). Foram utilizados também jogos da memória, quebra-cabeças e estudo de cores primárias e secundárias. Os resultados e discussões apontam que a releitura não é cópia, mas uma nova interpretação que mantém o elo com a obra original, criando algo novo. Inicialmente houve resistência e hipersensibilidade sensorial ao toque da tinta, comum em crianças neurodivergentes. Com mediação sensível, ambiente acolhedor e livre de julgamentos, houve quebra de barreiras. A colagem mostrou-se uma alternativa acessível e confortável, tornando-se estratégia de autorregulação emocional: crianças que apresentavam crises passaram a buscar espontaneamente a atividade para se acalmar, demonstrando melhora comportamental. Observou-se desenvolvimento da criatividade, imaginação, percepção, coordenação motora fina, raciocínio lógico, noções de contorno, preenchimento e organização espacial, além de conhecimentos matemáticos como formas geométricas. No trabalho com a "Árvore da Família Atlântica", houve fortalecimento do sentimento de pertencimento, valorização da identidade e dos laços afetivos, com aumento significativo da autoestima. A culminância com exposição aberta à comunidade escolar e às famílias no espaço cultural de Parnaíba-PI permitiu reconhecimento público, gerando orgulho e autoconfiança. Considera-se que a arte se mostrou não apenas ferramenta pedagógica, mas também terapêutica. Os objetivos foram alcançados, evidenciando que a motivação para o fazer artístico é força determinante para o aprendizado. Conclui-se que é necessário continuar investindo em linguagens da arte para formar alunos mais sensíveis, criativos, críticos e participativos. Este trabalho vincula-se diretamente ao Eixo Temático Arte, Inclusão e Práticas Pedagógicas na Educação Especial, ao demonstrar como a releitura de obras de arte, mediada com intencionalidade, rompe barreiras, cria possibilidades e valoriza as múltiplas formas de ser e estar no mundo, revelando as

possibilidades interiores dos alunos para que não se deixem oprimir por um mundo discriminatório.

Palavras-chave: Educação Inclusiva. AEE. Releitura. Romero Britto. Arte.

Referências

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos Utópicos.** Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular. Brasília**: MEC, 2018
.
FERREIRA, **Aurora. A criança e arte.** 3.ed. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

OTT, Robert William**. Ensinando crítica nos museus**. In: BARBOSA, Ana Mae (org.). Arte-educação**: leitura no subsolo.** São Paulo: Cortez, 2011.